

AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM

AFFECTIVITY AND LEARNING



CINTIA SHIZUKA NAKAYAMA EZAWA

Graduação em Pedagogia pela Universidade de Mogi das Cruzes (2009); Especialista em Psicopedagogia Institucional, na área da Educação pela Faculdade Aldeia Carapicuíba, (2011); Professora de Educação Infantil – CEI Juscelino Kubistchek de Oliveira.

RESUMO

O trabalho apresentado tem como objetivo mostrar a importância da afetividade no ensino e aprendizado, sendo possível conhecer o conceito, perceber a contribuição que tem no ensino e ainda ser usado como condutor nas práticas pedagógicas. A afetividade assume um papel essencial na apropriação da linguagem feita pela criança, influenciando na atribuição de sentidos e valores, em que o aluno vai conferir ao ato de aprender. Também sugere uma reflexão na questão sobre o professor como o principal mediador do afeto no processo ensino-aprendizagem, demonstrando que essa dimensão pode facilitar o convívio do aluno e desenvolvendo do mesmo, incluindo o progresso físico, mental e moral. O trabalho foi baseado em ideias de diferentes autores que abordam o tema afetividade, o qual, torna possível o aprimoramento nas relações interpessoais. Deste modo, acredita-se que o afeto fortalece relações de confiança, se tornando totalmente pertinente e significativo nas práticas pedagógicas.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade; Ensino e Aprendizagem; Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

The aim of the work presented is to show the importance of affectivity in teaching and learning, making it possible to get to know the concept, realize the contribution it makes to teaching and also use it as a driver in pedagogical practices. Affectivity plays an essential role in the child's appropriation of language, influencing the attribution of meanings and values to the act of learning. It also suggests a reflection on the teacher as the main mediator of affection in the teaching-learning process, demonstrating that this dimension can facilitate the student's coexistence and development, including

physical, mental and moral progress. The work was based on the ideas of different authors who address the subject of affectivity, which makes it possible to improve interpersonal relationships. In this way, it is believed that affection strengthens relationships of trust, becoming totally pertinent and significant in pedagogical practices.

KEYWORDS: Affectivity; Teaching and Learning; Pedagogical Practices.

INTRODUÇÃO

CONCEITO AFETIVIDADE

De acordo com o minidicionário Luft (2010), afetividade é qualidade de afetivos, sentimentos. A palavra afeto vem do latim affectur (afetar, tocar) sendo o elemento primordial da afetividade, o afeto representa o “sentimento de amizade” afeiçoado.

Afetividade é um tema amplo e pode ser avaliado por diferentes pontos de vistas. Assim sendo é relevante analisar a afetividade e sua utilidade partindo de uma visão pedagógica.

Deste modo a pesquisa discursa a perspectiva de diferentes autores os quais relatam a importância do tema.

AFETIVIDADE SEGUNDO VYGOTSKY

Vygotsky nasceu em 1896 na Bielo – Rússia, onde viveu com sua família por um longo período e faleceu em 1934 em Moscou.

Estudante nato Vygotsky apresentou gosto por artes e literatura com o passar dos anos se interessou por compreender o desenvolvimento psicológico do ser humano, pelo qual abrangeu os seus estudos.

Segundo Rego (1995) para Vygotsky o intelecto e o afeto não se separam, pois visam compreender o indivíduo como um conjunto, ou seja, cognição e afeto se ligam e influenciam na vida e no desenvolvimento do indivíduo. Deste modo é possível evidenciar teses sobre afetividade tendo como base Vygotsky, como afirma Oliveira quando diz que:

O lugar do afetivo na obra de Vygotsky torna-se particularmente interessante pelo fato de que esse autor, que produziu sua obra nos anos 20 e 30 deste século poderia ser atualmente considerado um cognitivista, propõe uma abordagem unificadora das dimensões afetiva e cognitiva do funcionamento psicológico que muito se aproxima das tendências contemporâneas. (OLIVEIRA, 1992, apud Rego, 1995, p .83)

Assim sendo, é possível destacar que a afetividade discutida e falada á tempos e partindo deste olhar é provável averiguar o quanto o tema se sobressai até os dias atuais, tornando – se assunto de diversas pesquisas pela qual comprova sua positividade no processo pedagógico.

Segundo Rego (1995), para Vygotsky é de grande importância que os professores tenham conhecimento e acesso a diversos campos, sendo necessário reportar – se aos seus conhecimentos para que a prática escolar e as sugestões de mudanças não sejam superficiais e que a ideia de estudos mais amplos venha intervir na aplicação de um ensino mais eficiente.

Ainda conforme Rego (1995) as contribuições de Vygotsky para o plano educacional foram de um olhar diferenciado da escola, tendo uma visão holística de todos inseridos, partindo não apenas dos seus conceitos, psicológicos já que eles não concedem condições de respostas a todas as perguntas do dia a dia.

A psicologia não soluciona todas as questões do plano educativo, mas auxilia positivamente no plano pedagógico e contribui para a compreensão no processo e gradativo da evolução da educação.

Deste modo é preciso que o professor tenha um conhecimento amplo em diversas áreas e conheça diversas teorias e perspectivas contribuindo de forma significativa no processo de prática pedagógica.

Para Oliveira (1992, p. 24) “[...] Vygotsky tem como um de seus pressupostos básicos a ideia de que o ser humano constitui – se, enquanto, na relação com outro. Desta forma a cultura humana torna – se um procedimento histórico, no qual o desenvolvimento irá se adaptar ao funcionamento de seu psicológico”.

Assim como evidência Oliveira e Rego (2003) quando dizem que:

O ser humano aprende por meio do legado de sua cultura e da interação com o outro humano, a agir, a pensar, a falar e também a sentir (não somente como humano, mas por exemplo, como ocidental, como um homem moderno, que vive em uma sociedade industrializada, tecnologia e escolarizada, como um latino, como um brasileiro, como um paulista, como um aluno), Neste sentido longo aprendizado sobre emoções e afeto se inicia nas primeiras horas de vida de uma criança e se prolonga por toda a sua existência. (Oliveira e Rego, 2003 p.23).

Diante dos fatos é relevante evidenciar como é fundamental o afeto e as emoções para o desenvolvimento e evolução da formação humana.

AFETIVIDADE SEGUNDO PIAGET

Jean Piaget nasceu na Suíça, filho de uma família culta. Durante o ginásio, Piaget demonstrava interesse por filosofia.

Em 1919 ingressou na universidade de Paris, onde recebeu um convite para trabalhar com testes de inteligência infantil.

Em 1921 começou a realizar pesquisas destinadas a formação de professores, e no ano de 1980 Jean Piaget falece na cidade de Genebra.

Segundo Souza (2003), Piaget Protege a tese de correspondência entre as construções afetivas e cognitivas, transcorre pela vida do indivíduo e argumenta as relações afetivas, inteligência e vida social para explicar a gênese da moral.

Ainda Souza (2003) relata que para Piaget a afetividade não se relaciona somente com as emoções e aos sentimentos, engloba também as tendências e a vontade, assim sendo o autor esclarece a relevância da afetividade em sua abrangência.

Piaget considera importante separar a afetividade em sentido amplo dos sentimentos, no sentido particular de condutas determinadas. Considera que não se pode explicar a inteligência pela afetividade e tampouco a afetividade pela inteligência... (Piaget apud Souza 2003,p.68)

De acordo com Souza (2003) para Piaget a dimensão afetiva é um conceito significativo e ele atribui o afeto como uma relação de contribuição para o estudo da inteligência e do desenvolvimento psicológico.

Já La Taille (1992), diz que para Piaget a afetividade é comentada como uma “energia” como algo que incentiva as ações, diante dessas afirmações e possível ressaltar que afetividade contribui como um caráter motivador e agrega condições para demonstrar uma atitude. Deste modo, esta atitude contribuirá como se fosse uma “mola” para impulsionar as ações.

Para Souza (2003), Piaget diz que toda conduta possui um aspecto afetivo (energético) e um aspecto intelectual (cognitivo), Piaget defende a ideia de quebrar a divisão entre afeto e intelecto estuda ambos os desenvolvimentos. Entretanto, que os aspectos afetivos estão ligados as pessoas e o cognitivo a inteligência, pois há estruturas e energias.

Portanto Souza (2003) diz que para Piaget não se pode enfatizar um aspecto mais do que o outro, pois rompe com a divisão entre o afeto e a inteligência e define os papeis de cada um no desenvolvimento psicológico do ser humano.

AFETIVIDADE SEGUNDO WALLON

Henry Wallon nasceu na França em 1879, e viveu toda a sua vida em Paris onde faleceu em 1962, sua vivência foi marcada por inúmeros acontecimentos marcantes

Wallon estudou filosofia e medicina e não concordada com métodos autoritários para organização das disciplinas. Wallon demonstrou muita preocupação com causas sociais ele vivenciou momentos históricos assim como as duas guerras mundiais (1914 – 18 e 1939 -45). Pode se dizer que por ter vivido nesta época isso cooperou para Wallon fosse intenso em suas posições. Assim sendo Wallon valorizou a influência que o meio social tem sobre o desenvolvimento das pessoas.

Wallon reconhece à questão psicológica ligada a contribuição do desenvolvimento da criança, ao acrescentar seus conhecimentos. Deste modo Wallon

Considerava entre a psicologia e a pedagogia deveria haver uma relação de contribuição recíproca, via a escola meio peculiar a infância e “obra fundamental da sociedade contemporânea”, como um contexto privilegiado para o estudo da criança. Assim a pedagogia oferecia campo de observação a psicologia por sua vez, ao construir conhecimentos sobre o processo do desenvolvimento infantil oferecia um importante instrumento para aprimorar a prática pedagógica. (Wallon, apud Galvão, 1995, p.23)

Dentro deste olhar a psicologia e a pedagogia, ambas estariam reunindo valores para a compreensão e o crescimento do ser humano.

Segundo Mahoney (2004, p.14) “[...] quanto mais a sociedade investir na infância, melhores condições garantiram para a constituição do adulto”.

Deste modo é possível enfatizar o quão relevante é a contribuição do meio social para a formação do indivíduo.

De acordo com Mahoney (2004) a relação do meio com a criança tem partir de algo recíproco com relação a fatores orgânicos e socioculturais, pois a mesma pode ser interpretada como o processo por toda a vida do indivíduo.

Assim sendo, o meio contribui na adequação dos papéis da criança, por meio de estágios os quais possibilitam associar novas aprendizagens, pois eles compõem o psíquico.

Deste modo o motor, a afetividade, a cognição e a pessoa, cada um deles faz parte da vida da evolução do indivíduo.

Segundo Mahoney (2000, p. 15) “enquanto o indivíduo mantiver sua capacidade de adaptação estará aberto a mudanças ao desenvolvimento.”

Ao dar maior atenção a afirmação acima é possível enfatizar a importância da transformação do indivíduo, no qual as adaptações a cada fase de sua vida contribuirão para a formação da pessoa.

Ainda Mahoney (2000) a ideia de Wallon se destaca nos conjuntos funcionais que são como organização do processo de desenvolvimento, o qual afeto, o motor e o cognitivo se inter-relacionam e resultam na pessoa única, individual, partindo de um movimento de mudanças.

Falar em processo significa afirmar que há um movimento contínuo de mudanças, de transformações desde o início da vida até seu término. E os resultados dessas mudanças podem ser observadas externamente, esses processos se caracteriza por um jogo de forças de tensões entre os conjuntos motor, afetivo e cognitivo. (Mahoney 2000, p.16)

Dando seguimento à ideia de Mahoney (2004) fala sobre a distribuição dos estágios proposto por Wallon que parte de uma sequência caracteriza pela espécie, são eles:

Impulsivo – emocional (0 a 1 ano)

Sensório – motor e projetivo (1 a 3 anos)

Personalismo (3 a 6 anos)

Categorial (6 a 11 anos)

Puberdade e adolescência (11 anos em diante)

Cada estágio é analisado como um sistema completo, que estão aptos para serem exercitados e moldados pelo meio, cada um com predomínio a um enfoque, constituindo assim o ser humano.

Os estágios foram propostos por Wallon pela idade das crianças de sua época e cultura, e precisam ser adaptados para a nossa cultura e dias atuais, mas o mais relevante é pensar sobre quais os interesses e atividades predominam em cada estágio e momento. Assim os estágios tornaram significativos partindo de resultados, nos quais foram preparados para tal idade, de forma a perceber os componentes que dominam cada um e como cada criança reage e quão relevante é a afetividade em todas as etapas da vida do ser humano.

Wallon (2004, p.16) destaca a importância de se trabalhar vivências de formas variadas no âmbito escolar. Foi o primeiro a levar não só o corpo, mas também as emoções das crianças para dentro da sala de aula e dedicou-se a estudar os aspectos do desenvolvimento da criança e a afetividade no âmbito escolar na relação de professor e aluno.

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Em relação aos valores e sentimentos, voltados para o CEI, na educação infantil, se a criança gosta do ambiente em que se encontra, se é bem tratada, respeitada e encontra sentido no que está aprendendo ali, torna-se capaz de construir, motivação para transformar o espaço e pertencer a este lugar.

O objetivo é de que se possa achar maneiras de organização para que haja realmente essa prática e que os bebês e crianças possam atingir e desenvolver ao máximo as competências e habilidades de socialização e correlação com o mundo ao seu redor.

Outra manifestação que altera a aprendizagem não só na educação infantil, mas em todas as fases está voltada para a afetividade, é a questão da timidez, do stress infantil, da ansiedade e da autoestima baixa. É necessário que o mediador saiba auxiliar a criança, a saber, lidar com suas emoções. Conforme relata Filliozat (1998):

Os pais nem sempre tem tempo para escutar as emoções dos filhos ou então não querem ouvi-los, porque isso os colocaria em xeque, perturbaria seus planos ou lhes daria uma imagem ruim de si mesmos. Então, eles tendem a defini-lo: você é difícil, você se melindra à toa, você não presta pra nada[...] (FILLIOZAT, 1998 apud SISTO, 2008 p.89)

Deve-se ajudar a criança além de lidar com essas emoções, fazer com que ela saiba se exprimir, se comunicar e principalmente estar disposto a ouvir o que ela tem a dizer e saber intervir quando for necessário para que ela sinta o quanto tem alguém que se preocupa com o seu bem-estar.

Assim, ela conseguirá emitir um clima de confiança e também estabelecer uma relação de segurança facilitando e começando a ter sua aprendizagem de maneira significativa.

As crianças que se sentem desanimadas, não têm ânimo, acabam não acreditando em sua capacidade e desacreditam dos demais, se tornando tímidos e como consequência não se sentem felizes, não nasceram assim, e por meio do afeto é possível salvá-los. Conforme Chalita (2001):

Para salvá-los, basta fazê-los amar a vida. Mas como? Quem sabe fazendo-os encontrar um sentido para sua existência? Às vezes um simples ato de compreensão descobre uma ponta do mistério e traz sentido, uma justificação e uma esperança para a existência dessas pessoas. (CHALITA, 2001 p.82)

Partindo dessa proposta fica evidente o quanto é importante tratar a realidade de uma criança com prioridade e o quão relevante é saber olhar de uma maneira mais intensa para compreender o que realmente acontece quando uma criança não está apresentando uma boa postura no que diz respeito ao seu comportamento e, seu desenvolvimento em atividades e vivências propostas ou até em sua interação com o grupo em que se encontra.

O professor deve mediar e conseguir enxergar cada tipo de bebê e criança no ambiente em que está inserido. Nem sempre os mesmos, apresentará um resultado positivo mesmo que o educador o acolha. Primeiro, ele precisará ganhar confiança e sentir que está num espaço seguro.

O ensino e a aprendizagem devem ser um processo compartilhado entre professor e educando. O educador que sabe ouvir aprende a desafiadora tarefa de adaptar seu discurso às necessidades da criança. É fundamental ter um compromisso genuíno com o desenvolvimento do educando. Como afirma Freire (2007, p.142), “ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

De acordo com Ferreira e Regnier (2010, P. 30), o cognitivo tanto quanto o afeto tem influenciado no ensino aprendizagem, do qual o professor tem que estar preparado para lidar com esses campos funcionais, ou seja, os conflitos vivenciados pelas crianças fora do CEI têm mostrado ser uns dos fatores de discussão na questão das dificuldades apresentadas pelas crianças de compreender as atividades e vivências que lhe foram propostas assim também como sua interação com grupo.

As habilidades apresentadas são visadas por meio da definição do autor Chalita (2001) e que requer atenção para o desenvolvimento da criança, uma vez que as habilidades: cognitiva, social e emocional estejam voltadas para o afeto e não podem ser dissociadas uma das outras.

Conforme o conhecimento conceitual e os processos cognitivos da criança vão se desenvolvendo, as emoções vão sofrendo mudanças, e nas emoções primitivas estão os sentimentos da raiva, a alegria, o medo. Por outro lado, os sentimentos que influenciam nas atitudes e comportamentos dos indivíduos como a melancolia e a indignação têm característica nas emoções superiores.

Silva (2004) argumenta que tal concepção percebe-se que na medida em que as emoções e os processos cognitivos da criança vão adquirindo transformações ambos vão se desenvolvendo processualmente. Contudo as emoções são construídas, organizadas e nomeadas conforme o contexto histórico-cultural do qual ela se constitui.

É papel fundamental do professor de educação infantil repensar certos valores dentro de suas práticas pedagógicas uma vez que a afetividade vem incluir novos pontos de vista preenchendo as lacunas de uma educação tradicional que em muitas vezes apresentado formas inadequadas para a formação integral do sujeito não observando o indivíduo como um sujeito único.

O professor tem nas mãos a responsabilidade de transformar a criança e apresentá-lo ao universo de tal forma em que o conhecimento não seja uma mochila pesada para carregar, e sim, um novo horizonte que se descortina.

AFETIVIDADE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Acredita-se que a afetividade sadia contribui para melhorar as condições de aprendizagem das crianças. Sendo possível perceber o quanto a afeto está ligado às atitudes e práticas pedagógicas dos educadores e posta na vida dos educandos que, quando ensinados por meio do afeto, apresentam mais bem resultados no processo ensino-aprendizagem.

Ou seja, a afetividade está presente nas interações sociais, além de influenciar os processos de desenvolvimento cognitivo. Dessa forma, as interações que ocorrem no contexto do CEI devem ser marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos.

AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM

A afetividade afeta o educando de forma positiva ou negativa podendo deixar marcar para sempre na vida do indivíduo.

Para Piaget (1953, p.57) “a afetividade interfere constantemente no funcionamento da inteligência, estimulando-o ou perturbando-o, acelerando-o ou retardando-o.” Logo, vale ressaltar que o andamento pedagógico da criança está constantemente ligado ao estímulo afetivo recebido em suas atividades e vivencias quando práticas ou em atitudes ligadas aos colegas ou até mesmo ao professor da sala e os demais funcionários da instituição. O autor fala ainda sobre as noções de equilíbrio e desequilíbrio partindo de um ponto de vista afetivo e cognitivo da criança:

[...] a natureza afetiva da experiência (prazerosa ou aversiva) depende da qualidade da mediação vivenciada pelo sujeito, na relação com o objeto, na escola, nas condições de mediação que são planejadas e desenvolvidas, principalmente, pelo professor. (PIAGET, 1953, p. 26)

Vale ressaltar que quando a relação do professor com a criança, e vice-versa, é de extremidade afetiva, as contribuições para o aprendizado acabam partindo de vínculos mediados por sentimentos de cumplicidade e encorajam as crianças e bebês avançarem em suas experiências, segundo Tassoni (2000):

O que se diz, como se diz, em que momento e por quê – da mesma forma que o se faz, como se faz, em que momento e por quê, afetam profundamente as relações professor-aluno e, conseqüentemente, influenciam diretamente o processo de ensino-aprendizagem[...]. (TASSONI, 2000. p.28)

Dessa forma é possível afirmar que a afetividade está envolvida em todas as etapas ou momentos pedagógicos desenvolvidos pelo educador e fazem parte do processo de mediação que não pode mais ser ignorada e deve ser incluída em discussão dos professores que realmente buscam um bom desenvolvimento dos educandos. Entendendo que a aprendizagem é um processo dinâmico que envolve trocas e reciprocidade.

Para Almeida (1997 p.69) “ter consciência de que a relação professor-aluno é permeada pela afetividade é urgente e necessário”. Embora estudos mostrem e abordem o quanto esse processo auxilia no desenvolvimento dos alunos, muitos profissionais ainda não apresentam praticidade e acabam não construindo um plano de condições necessárias para que a aprendizagem possa ser realmente significativa.

Porém, quando o resultado encontrado no final de todo e qualquer processo de ensino aprendizagem seja na Educação Infantil ou no Ensino Fundamental não é totalmente positivo no desenvolvimento da criança pode-se esperar que a relação desse impedimento esteja voltada para problemas tanto na instituição de ensino, quanto em sua casa ou ambiente de convívio atual da criança, acarretando dificuldades de aprendizagem geradas pela falta do afeto entre uma das ocasiões. Partindo disso, é possível estudar e analisar as causas de dificuldades de aprendizagem encontradas.

Silva (2004, p.10) enfatiza que a afetividade, a inteligência, movimento e personalidade são aspectos fundamentais para o desenvolvimento dos indivíduos e está diretamente ligada à vida orgânica, sendo esses processos inseparáveis, por ser elementos básicos que se comunicam a todo o momento tornando o direcionamento para se promover uma educação que ofereça oportunidade para a criança significar o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa destaca a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, evidenciando seus benefícios na construção de um ambiente harmonioso e ético na escola. Embora a educação afetiva seja amplamente discutida, sua aplicação ainda enfrenta desafios. A presença do afeto na prática pedagógica favorece tanto o desenvolvimento da criança quanto a atuação do professor, permitindo estratégias mais eficazes. O envolvimento ativo da família e da equipe escolar é essencial para que a criança se sinta acolhida e motivada. Assim, a consciência do educador sobre sua influência e a adoção de práticas afetivas pode tornar o ensino mais significativo e transformador.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade na escola**: Alternativas teóricas e práticas. 2 ed. São Paulo: Summus, 2003.

CHALITA, Gabriel. **Educação**: a solução está no afeto. São Paulo: Gente, 2001.

FERREIRA, Aurino Lima; ACIOLY-REGNIER, Nadja Maria. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação**. Educ.rev., Curitiba, n.36, 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>. Acesso em: 20 out. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 28ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LA TAILLE, Yves; OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva (Org). **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

LUFT, Celso Pedro. Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa. 6. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Positivo, 2010.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. (Orgs). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2004.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. (Orgs). **Henri Wallon**: Psicologia e Educação. 8ª ed. São Paulo: Loyola, 2008.

MASINI, Elcie (Org). **Psicopedagogia na escola**: buscando condições para a aprendizagem significativa. São Paulo: Unimarco, 1993.

SISTO, Fermino Fernandes; MARTINELLI, Selma de Cássia. **Afetividade e dificuldades de aprendizagem**: Uma abordagem psicopedagógica. 2 ed. São Paulo: Vetor, 2008.